

## *Heteronímia e Carnaval em Teixeira de Pascoaes*

Paulo Borges

(Universidade de Lisboa)

Pretendemos explorar aqui alguns aspectos metafísicos e existenciais da heteronímia, se não literária, decerto vivida e tematizada, implícita na visão-experiência carnavalesca do mundo e da existência em Teixeira de Pascoaes, a qual, atravessando e singularizando toda a sua produção, adquire particular vulto nos dois volumes *O Pobre Tolo*. É neles que o nosso ensaio se centrará, embora cumpra referir que, na sequência da obra pascoaesiana, seja *A Nossa Fome*, pequeno opúsculo de 1923, que introduz a figura do "pobre tolo", já de algum modo antecipada em *O Doido e a Morte*, de 1913. Cremos aliás ser *A Nossa Fome* que inicia um renovado ciclo do pensamento do autor na medida em que, reintegrando-o no grande paradigma acentuado desde o *Verbo Escuro* até *O Bailado*, ou seja, a multiforme visão dionisíaco-carnavalesca de Deus e do universo, e coerente com a já anterior hipóstase da Loucura, em *O Doido e a Morte*, como a própria natureza ou móbil da divindade em manifestação, introduz com a personagem do "pobre tolo" o tipo da sua protagonização humana, desenvolvido a ponto de dar o título a duas das mais importantes composições deste período. *A Nossa Fome* confessa tal figura como adivinhável *auto-espelhamento do autor*, que se lhe refere na primeira pessoa <sup>1</sup>, num lance decisivo não só para compreendermos o modo como representa a sua imagem pública <sup>2</sup>, mas ainda, e sobretudo, a experiência interior que o avassala e de que a

---

<sup>1</sup> - "As Musas amam os tolos; e, por isso, me indispueram com os códigos, com os jardins municipais, os cavalheiros da política, os tectos de estuque, os edifícios de cimento e outras manufacturas da ciência.

Indispueram-me com este mundo, e eis-me a caminho do Outro ! Pobre de mim ! Pobre tolo ! Lá vou, não sei para onde, a falar só. Falo comigo ou com os outros tolos, nascidos também sob a mesma estrela delirante [...]” – Teixeira de Pascoaes, *A Nossa Fome*, in *O Homem Universal e outros escritos*, pp.155-161, p. 157.

<sup>2</sup> - Se bem que um artigo como o de Abel Salazar, apontando sarcástica e jocosamente a pretensa demência de Leonardo Coimbra e Pascoaes, só surja em 1936 ("O dueto caracteriológico e pseudo-filosófico Coimbra-Pascoaes", *Pensamento*, Vol.V, nº80 (Novembro de 1936), pp.12-14), há indícios para pensar que, pelo menos desde a polémica com António Sérgio, já Pascoaes era visto com a suspicácia que o seu efectivo *delírio* de poeta e prosador inspirado, genial e paradoxal levantava, e levanta, nas consciências comuns ou mais prudentes.

metafísica e estética carnavalescas serão subsidiárias, como formas já de conter, organizar e exprimir a vivida coincidência entre a ausência/perda total de referências e identidade e a sua pletórica e totalizante descoberta, criação, reinvenção e metamorfose, transitando entre o absoluto desconhecimento de si, ou sentimento da própria inexistência, e, por isso mesmo, o desvelar-se como sendo e podendo ser tudo. Que isso se verifica num rumo muito afim, por vezes superando-o mesmo em poder de enunciação mítico-especulativa, ao da experiência pessoana, na própria heteronímica e ficticiamente real multiplicação do(s) sujeito(s) a partir da sua abissal vacuidade, é o que apenas poderemos apontar, saindo fora do âmbito do presente estudo o demonstrá-lo <sup>3</sup>.

São estes os temas fundamentais de *O Pobre Tolo*, obra ainda de 1923 e publicada em 1924, que seguimos pelo texto que integra todas as alterações que o autor deixou manuscritas para uma nova edição <sup>4</sup>, bem como pela sua reelaboração em verso, com o mesmo título, datada já de 1930 <sup>5</sup> (com uma óbvia proximidade da temática e do conteúdo, por vezes quase com meras modificações da forma literária, o que não exclui significativos matizes e diferenças). Nos dois *O Pobre Tolo* <sup>6</sup>, elaborados a partir da

---

<sup>3</sup> - Como veremos, o "pobre tolo" não é estranho à experiência assim lapidarmente formulada: "Posso imaginar-me tudo, porque não sou nada. Se fosse alguma coisa, não poderia imaginar" - Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, in Fernando Pessoa, *Obras*, II, p.750.

É notável que a figura do Louco, no simbolismo metafísico, psicológico e divinatório do Tarot, sendo simultaneamente considerada anterior e posterior a todas as demais cartas (não numerada, equivalente a zero, ou com o número 22), represente quer a "vacuidade", o "Nada", o "Absoluto" ou "Abismo sem fundo" das várias tradições sapienciais e religiosas, e assim a liberdade e santidade trans-normativa do homem que o assume, quer a impetuosidade instintiva, passional e inconsciente do ser em queda no abismo da ignorância (cf. Oswald Wirth, *The Tarot of the Magicians*, pp.153-155). Também em Pascoaes, em mais uma espontânea convergência com a tradição milenar, o "pobre tolo" personifica simultaneamente o Caos superior e o inferior, embora menos opostos do que unidos como expressões correlatas da Unidade que na ambígua Loucura divina, tão libertadora como i-lusória, se firma.

*Nada* que por isso virtualmente é e pode vir a ser *Tudo*, um pouco como na fórmula pessoana, o Louco simboliza tanto o Imanifestado como a potência primigénia do seu lúdico advir à manifestação, irrelativo a qualquer princípio de razão causal ou final, nessa divina errância que é espontâneo encontro do caminho mais sábio, quer no macrocosmos, quer no microcosmos de cada espírito e individuação humana. Neste sentido, ele é o *sujeito* único das metamorfoses simbolizadas nas restantes cartas do Tarot, como arquétipos da sua vagamunda odisseia totalizante - Cf. Sallie Nichols, *Jung e o Tarô. Uma jornada arquetípica*, p.50. Sobre o simbolismo do *louco*, cf. ainda "Fou" e "Mat", in Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des Symboles*, pp.458 e 619.

<sup>4</sup> - Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.9.

<sup>5</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*.

<sup>6</sup> - Título onde claramente o poeta se auto-ironiza e designa, referindo a experiência do próprio ser e não apenas a da sua imagem para o mundo. Se numa carta a Anrique Paço d'Arcos, de 16 de Junho de 1924, falando de si, escrevia que "Os loucos são remidos (os poetas são loucos) pela sua própria loucura que os torna senhores de grandes e maravilhosos países ignorados", já numa outra, de Outubro

mesma experiência estético-visionária de *O Bailado* - a contemplação do universo no microcosmos amarantino, sobre a real e simbólica ponte de São Gonçalo - , ressurgem ainda, pelo menos dez anos depois do *Verbo Escuro*, a tematização do móbil primeiro da manifestação como abrangendo, simultaneamente, o "medo" de Deus à "escuridão absoluta", lançando o "grito" criador da luz<sup>7</sup> (sugerindo que o "mundo" daí resulta como a "ponte", aparentemente "inabalável", que separa os entes do "negro pego faminto" da Treva pré-cosmogónica, sinalizada pelas metáforas do rio tumultuoso e da "escuridão nocturna"<sup>8</sup>), e o "sonho", quer o do "pobre tolo", quer o do Deus que o sonha. "Sonho

---

de 1926, confessará: "(...) fui sempre um tolo...aquele pobre tolo" – *Id.*, *Uma Amizade. Cartas de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos*, pp.18 e 56.

<sup>7</sup> - Aqui a treva, a ser, como parece, a do "caos" e "abismo" referidos no *Génesis* (1, 2), poderia implicar o terror de Deus ante o obscuro produto da sua própria criação, em alternativa à anterior visão de uma Obscuridade pré e supra-divina: "E os olhos do pobre tolo, duas estrelas apagadas, bóiam na escuridão absoluta, a mesma que pesou outrora sobre a Terra, antes de Jeová criar a luz. Deus teve medo às trevas e gritou ! Aquele grito, de tão intenso e doloroso, incendiou-se ! Foi o primeiro raio de sol. O sol é o medo às trevas, um grito incandescente de terror !" – Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.118. Veja-se a proximidade, com a referida diferença, do aforismo do *Verbo Escuro*:

"E que é o medo ? É o Deus anterior aos Deuses... a última Força misteriosa...

Para fugir à sua sombra, Jeová criou a luz" – *Id.*, *Verbo Escuro*, p.74.

Na versão poética a ideia do terror divino desaparece, ou vela-se, na expressão : "Jazes na treva universal que, outrora, / Jeová, gritando, incendiara !" – *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.276.

<sup>8</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.118; *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.276, com algumas diferenças. Conforme adiante se confirmará, a imagem e metáfora da "ponte" é directamente colhida da ponte de São Gonçalo, em Amarante, um dos fulcros da experiência contemplativa e visionária do poeta. Prova-o aliás o texto de um postal enviado a Anrique Paço d'Arcos, em 17 de Julho de 1924, ano da publicação da primeira das obras em apreço, e ilustrado com a ponte amarantina: "Aí vai a ponte do *Pobre Tolo*, sobre o rio da Vida, entre as margens da morte. A margem direita é o além-berço; a margem esquerda o além-túmulo" – *Id.*, *Uma Amizade. Cartas de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos*, p.20. O texto elucida aliás lapidariamente, numa outra leitura da "ponte", a visão que o poeta tem do lugar e condição anfíbios e anfibológicos que são os seus e de toda a humanidade, escapando às determinações da vida e da morte enquanto transitam sobre a fluidez da primeira e medeiam entre os dois limiares da segunda.

As imagens do "negro pego faminto" e do rio tumultuoso, em relação com a Treva pré-cosmogónica, evocam a imagem mítica do Oceano ("génese" dos deuses e de tudo, em Homero (*Ilíada*, XIV, 246)) como um rio circundante do mundo, sem nascente nem foz, que órficos (frag. 29, Kern) e gnósticos identificarão com uma Serpente, e os primeiros ainda com Kronos, numa vertente que, designando a fonte primordial de vida e a Alma do mundo, pode ainda desembocar no *Aión* de Heraclito, concebido como jogo pueril - cf. R. B. Onians, *The Origins of European Thought about the Body, the Mind, the Soul, the World, Time and Fate. New Interpretations of Greek, Roman and kindred evidence also of some Jewish and Christian beliefs*, pp.247-251; cf. também Eudoro de Sousa, *Horizonte e Complementaridade. Ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos*, pp.15-17. Cf. também Platão, na geografia infernal que figura em Oceano o principal dos quatro rios que partem do e convergem no "abismo" do Tártaro (*Fédon*, 112 a-b, 112 e), lugar horrível "mesmo para os deuses imortais" (Hesíodo, *Teogonia*, 736-746), em cuja "treva" se enraíza a Terra, como o "fundamento" que patenteia a continuidade da sua dependência relativamente ao *Caos* primordial, "esse mesmo escancaramento original, esse mesmo abismo vertiginoso, a partir do qual e

divino" que no homem se não encarna ou condensa por completo, furtando-se à plena delimitação material num "Limbo" que é, conjuntamente, "Verbo não encarnado, intacto", e o "vago sentimental e original" da "alma", a "imperfeição" e indefinição criadora que gera o "excesso" e ímpeto de transcensão da "vida", dando-lhe a "faculdade mitológica de idealizar todas as coisas" e de conceber a "Divindade" <sup>9</sup>. A vida e o homem, contudo, são não apenas um composto de, mas uma "luta" entre a imaterialidade do Verbo e o que dele se materializa, o irrevelado e o revelado, "a realidade e o sonho" <sup>10</sup>, ou ainda a tensão criadora entre a "lembrança" e a "esperança", as "duas forças contrárias" em que se cinde a "actividade universal", mas que afinal se unem e "originam o Existente" como o "drama" e a "auto-escultura da Saudade" <sup>11</sup>.

Todavia, conforme a direcção geral da obra, e como o indica a conjunção do "sonho divino" com o temor do Deus criador ao Imanifestado, sugerindo a manifestação como *uma fuga para diante*, constitutivamente lastrada da negação disso mesmo de e em que inevitavelmente emerge (como que numa onírica e proteica inconsistência resultante da rejeição do único necessário), ela não escapa a uma queda, embora relativa, de Deus no mundo que gera. Tragédia que, numa outra perspectiva, se denuncia como a ilusória "tragicomédia" de "uma substância vaga e plástica desenrolando-se em fantasmagorias de paisagens" e "espectros", e na qual a "dor" e a "alegria" "se reduzem a pobre máscara pintada", num sentido "oca por dentro" <sup>12</sup> e noutro expressiva da aspiração a ser e

---

contra o qual ela se constitui logo no início dos tempos" - Jean-Pierre Vernant, "Cosmogonies et mythes de souveraineté", in Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, *La Grèce Ancienne - I. Du mythe à la raison*, pp.111-138, p.118.

<sup>9</sup> - Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.13-14. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.289 e ainda, para a referência aos "sonhos / Genésicos da infinda Criação" e ao "sonho fantástico do Génesis", pp.229 e 303. Para a definição da "vida" como "imperfeição, esboço, nuvem...", cf. *Ibid.*, p.300.

<sup>10</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.15.

<sup>11</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.15-19. Destacamos os seguintes trechos como bem expressivos da ambiguidade ontológica da manifestação, plenamente desenvolvida, mais tarde, no *Santo Agostinho*: "A incerteza, a hesitação, o querer e não querer, o partir e ficar, *o vaivém da sorte*, como diz o poeta, é a própria actividade universal cindida em duas forças contrárias que se neutralizam mutuamente e se condensam, originando um ponto definido na imensidade indefinida, uma luz acesa nas trevas, um grito no silêncio - a Criação !" - p.17; "Tudo é lembrança e esperança; duas forças contraditórias e hesitantes no seu ímpeto criador. Hesitam, equilibram-se, casam-se e originam o Existente - uma auto-escultura da Saudade" - p.19.

<sup>12</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.114-115.

encarnar inerente a "Deus", aos "deuses" e às "almas", mas na qual afinal se encobre o "rosto originário" <sup>13</sup>. Neste sentido, o próprio "verbo encarnado", em seus vários planos, é "o sangue rubro da tragédia (...) em que todos andamos pelo mundo", como "imensa turba carnavalesca" <sup>14</sup>, na vagamunda errância que o poeta vê caricaturizada na figura do "Zé Preto", vendedor de literatura de cordel nas feiras populares :

"Lá vamos, de feira em feira, de carnaval em carnaval, de estrela em estrela... Para onde ?

O Zé Preto é uma caricatura do Destino" <sup>15</sup>.

Todavia, embora mantendo o fundamento primeiro da dissimulação manifestativa na loucura divina, Pascoaes por vezes desloca o seu acento trágico para o plano terreno e humano, dele tendendo a relativamente salvaguardar uma vida primordial, onde a aparição não se converteu ainda totalmente em aparência ilusória e evanescente. É assim que os olhos visionários do "pobre tolo" "descarnam" as "horas vivas" e "passageiras" dos transeuntes da ponte de Amarante "até ao íntimo fantasma - demoníaco ou divino", concluindo, em espantosa resposta à interrogação "Que somos nós ?" :

"Aparências transitórias de divindades e demónios; figurações mesquinhas de estranhos seres fabulosos; máscaras que os deuses põem na face, que este mundo é um palco de teatro e esta vida um carnaval.

Nós somos a máscara pintada, mas não conhecemos a pessoa sobrenatural oculta dentro dela. Esconde-se, falece-lhe coragem para afrontar a luz do Sol e calcar aos pés a Realidade.

Os deuses não ousam aparecer. A sua presença destruiria a Criação.

É preciso que entre os deuses e o Universo exista o homem - um território neutro que nem é céu nem inferno, mas uma espécie de purgatório cor de barro" <sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.161-162.

<sup>14</sup> - *Ibid.*, p.193. Se "tudo o que existe é um *sim* e um *não* coincidindo", ou aparição que logo se desvanece, unindo-se "sonho" e "pesadelo" na "matéria quimérica" do próprio mundo terreno, a vida não perde, pela sua inconsistência ontológica, o sentido trágico e de "enigma aflitivo" inerentes a de tudo apenas persistir a "dor": "Sim, tudo se pode negar, tudo, excepto o sofrimento duma alma !" – *Id.*, carta de 1 de Outubro de 1924, *Uma Amizade. Cartas de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos*, pp.28-29.

<sup>15</sup> - *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.194-195.

<sup>16</sup> - *Ibid.*, pp.33-34. Vendo, "nas horas passageiras, / A divina substância intransitória", o "tolo" "conhece os anjos e os demónios, / Que transitam na ponte, disfarçados / Em miseráveis corpos,

Seja assim por fuga ou disfarce, e ainda morte ou adormecimento <sup>17</sup>, metáforas que distinta mas não exclusivamente referem a negatividade originária, a razão de o "nosso mundo" ser "o símbolo material e ridículo de outro mundo fantástico e divino", ou a "caricatura em barro, dum milagre", reside assim neste último, como o confirma Pascoaes quando esclarece que, se o "tolo" e as "outras pessoas" lhe aparecem "como caricaturas monstruosas, máscaras fenomenais de carnaval, fantoches e arlequins que representam de anjos e demónios", é efectivamente "porque há demónios e anjos dentro deles, e um velho espectro que os envolve e ultrapassa", numa sugestiva fonte transcendente das suas momices e pantominas <sup>18</sup> (veja-se como nestas imagens perpassa a visão do mundo como um imenso teatro sobrenatural e maravilhoso, de sabor bem arcaico e ainda medieval, como os *mistérios* e *momos* que estão na origem da obra vicentina <sup>19</sup>). Se bem que particularmente visível e sensível no mundo humano e terreno, ou na máscara humana e terrena de um mundo superior, a emergência carnavalesca da vida promana da remota iluminação da Treva primordial pelo surto ontogónico de Deus, numa tensão desde logo projectada no drama interno ou na oposição recíproca das formas divino-demoníacas do plano intermédio, os quais por sua vez se convertem, materializam e simbolizam, tragicomicamente, nas tormentosas paixões da evanescente aparência humana.

Seja como for, e consoante a perspectiva, o espectáculo da constituição íntima do mundo, a partir das suas potências vivas e profundidades remotas, não é apenas no espaço exterior que se processa, oferecendo-se simultaneamente na interioridade anímica do "pobre tolo", numa ambiguidade que aumenta até sugerir a indistinção dos dois

---

ocultando / Na máscara pintada e arrefecida, / Aquele rosto em brasa, aquela chama / Do ígneo Verbo de Deus original" – *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.325.

<sup>17</sup> - "Os deuses são / Eternos; adormecem, mas não morrem", afirma Pascoaes, reconhecendo-os em tudo que rodeia o pobre tolo e em íntimo diálogo com ele – *Ibid.*, p.224.

<sup>18</sup> - *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.167-168. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.299.

<sup>19</sup> - Cf. António José Saraiva, *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, Lisboa, Bertrand, 1981, 3ª edição. Abordámos algumas dimensões arcaicas e míticas da obra de Gil Vicente, das quais algumas também nos parecem confluir em Pascoaes, em "Gil Vicente", in Paulo A. E. Borges, *Pensamento Atlântico*, pp.19-26. Pascoaes considera Gil Vicente "o mais Anjo e o mais Demónio dos poetas portugueses", e "um grande trágico", destacando no seu lirismo a veia "panteísta" que o torna "a mais pura e directa encarnação do verbo popular" – *Os Poetas Lusíadas*, pp.51, 64, 66 e 68.

planos e assim a recíproca constituição heteronímica do eu e do mundo. Após indicar a correlação entre a gênese da consciência de si e do mundo, Pascoaes diz-nos que a multiplicidade de "criaturas" que advêm à visão do "tolo" são, simultaneamente, "vagas criaturas, que se perdem / Nas neblinas do Longe", e que "ocupam" o "lugar" do seu mesmo ser, revelando-o "esse lugar sensível do Universo" em que este, na sua totalidade, "é um pobre tolo", identificando-se-lhe na sua tripla constituição: transcendente e divina, vivente e existente<sup>20</sup>. Símbolo vivo da comutação entre universal e particular, o "tolo", mesmo quando cerra "os olhos e os lábios", continua a falar e a assistir, dentro da "caverna de Platão" que se lhe revela o próprio ser, a um desfile de "sombras misteriosas" nas suas "paredes indefinidas", apreendendo, entre as "aparências" próximas e as "longínquas aparições", "um espaço escuro e intransitável" que mostra o "cárcere em que vivemos" e deixa pressentir, "para além" dele, algo de impensado e irredutível a todas as formas de cosmovisão da cultura religiosa e erudita, pelo menos ocidental: "Um mundo diferente de tudo o que se tem sonhado e imaginado, desde os padres do Egipto aos catedráticos de Paris"<sup>21</sup>. O "carnaval" invocado como símbolo e rito do mundo reencontra-se assim na tumultuosa processão de "imagens" vivas que emergem e se "retratam" no seu "mundo interior", "palco" do "drama espiritual" de "figuras" que, "submersas no mar do Esquecimento", "lutam para subir à superfície", vencendo a "morte" e ocupando um lugar diurno na consciência daquele que as recorda e reconhece como "as lembranças misteriosas que nos governam" e "que trouxe o nosso espectro das suas longas viagens no Infinito". "Espectador da sua intimidade", e reconhecendo nela,

---

<sup>20</sup> - "Mas, por fim, / Acorda na fluidez ilimitada... / É a sua consciência a iluminar-se, / Na escuridão nocturna. E logo o mundo, / Cá em baixo, aparece num esboço / Transfigurado. É o tolo que abre os olhos, / povoados das inúmeras imagens. / São vagas criaturas, que se perdem / Nas neblinas do Longe; e, ao mesmo tempo, / Ocupam - que milagre ! - o seu lugar ! / Esse lugar sensível do Universo, / Em que todo o Universo é um pobre tolo: / Sombra espectral que vive e não existe, / Corpo carnal apenas existência. / E, existindo e vivendo, para além / De tudo, é ele mesmo, à luz do dia; / É *Ele*, - esta palavra irmã dos deuses" – *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.250.

Sobre os mesmos três planos, divino, vivente e existente, equivalendo os dois últimos a "sonho" e "realidade", cf. *Ibid.*, pp.231, 249-251, 289 e 323.

<sup>21</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.106. Cf. também, para a experiência do próprio corpo como "cárcere" em cujas "paredes" e "tectos" "se espalham nódoas de esplendor, / Os turbilhões da Luz original...", *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.264. A experiência do próprio ser, agora "alma" ou "espírito profundo", como "caverna escura", data já da 1ª edição do *Sempre* (1898) e permanece na última - cf. *Sempre*, in *Belo / À Minha Alma / Sempre/ Terra Proibida*, p.121. Sobre a "caverna" como "símbolo do mundo", sensível e inteligível, em várias tradições sapienciais e religiosas, cf. Porfírio, *On the Cave of the Nymphs*, pp.29-34 e 43.

nos sinais vivos que reconstituem o itinerário da sua odisseia pela infinitude primordial, as potências plasmadoras do seu ser e de todos os seres, o "pobre tolo" também contempla nelas o mesmo divino jogo de máscaras que intui no âmago do mundo exterior. Como bem o exprime Pascoaes: "O pobre tolo, como todos os *almas*, é um espectador da sua intimidade. Assiste a uma tragédia de fantasmas que se intitula o Outro Mundo. Vê as máscaras dos actores incandescentes de expressão, numa paisagem povoada de outras máscaras invisíveis, nas quais se ocultam divindades" <sup>22</sup>.

Se o mundo externo e o interno, o subjectivo e o objectivo, e mesmo o plano superior da vida e o inferior da existência, uma vez apreendidos em profundidade, se comutam e desvelam a multiforme aparição de um mesmo processo unificador e englobante, é por ser simultânea e indissociavelmente, no universo da totalidade e no de cada intimidade singular, que se efectua a originária processão de uma instância transcendente e a-determinada no jogo de máscaras, potências e oposições em que se metamorfoseia e envolve. Cumprindo destacar o carácter a-racional e selvático do processo, a equivalência de "ninguém" e "pessoa", bem como a identificação dos "espectros" com a "turba" de errantes metamorfoses desta, é isso que nos surge explícito no seguinte trecho: "Somos uma turba e ninguém: um ninguém que *vive*, porque é sangue e carne, e *existe* porque é esqueleto ou pedra; e uma turba de espectros que nos acompanha desde a Origem, e é a nossa mesma pessoa multiplicada em mil tendências incoerentes, forças contraditórias, em vários sentidos ignotos..." <sup>23</sup>. Seja o "espectro", no sentido afim a

---

<sup>22</sup> - Cf., para tudo o que referimos, Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.195-197. Veja-se alguma afinidade desta experiência com a do "Carnaval" interior na meditação tântrica, em que as profundezas da alma e do corpo individuais se reconhecem habitadas por todos os seres do universo, como outras tantas i-lusórias aparições da Vacuidade inefável - cf. Heinrich Zimmer, *Philosophies of India*, pp.578-579.

<sup>23</sup> - Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.215. Cf. também p.216. Cf. ainda *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.321-322 - onde se faz equivaler o ser "turba" e "ninguém" ao ser "multidão" e "alguém que vive" e "existe", sugerindo menos a absoluta irrealidade do sujeito do que uma sua identidade trans-subjectiva, indeterminada e ignota - e p.249.

Creemos que esta universal condição, por excelência consciencializada e vivida pelo "pobre tolo", o que o torna eminentemente sábio, de ser "Todo-Mundo" e "Ninguém" (é intencional esta alusão à alegoria de Gil Vicente, autor não estranho à cosmovisão pascoaesiana, que assimila a primeira figura ao ser mundano e a segunda à virtuosa busca de "consciência" - cf. *A Farsa da Lusitânia*, in *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, II, pp.572-574), reproduz, em cada ente, e sobretudo em cada ser humano, a *natureza* da própria divindade, que, segundo a tradição neo-platónica, é simultaneamente "tudo o que é e nada do que é", convindo-lhe pois, "ao mesmo tempo", o "anonimato (...) e todos os nomes de todos os seres" - Pseudo-Dionísio, o Areopagita, *Les Noms Divins*, in *Oeuvres Complètes*, 6 e 7, 596 c, p.75. Este nos parece ser, pese a heterodoxia dos dois autores perante qualquer tradição, o

expressões como "almas só alma", "espectador" e "alguém", que encontramos n' *O Bailado*, seja "pessoa" ou "ninguém", o que se pretende significar em tais termos é a transcendência e nobreza da "alma". A qual, contudo, no plano da manifestação, e pela sua paradoxal capacidade de simultaneamente permanecer no absoluto de onde procede, conter o mundo e encarnar numa das suas formas individuais de existência, assume a condição tragicômica de alguém que, sendo e sabendo-se tudo e além de tudo, não pode manifestar-se senão negando-o, na ridícula e caricatural auto-exposição da íntima divindade que é <sup>24</sup>. Assim se indica como na *per-sona* se conciliam o pessoal e o supra-pessoal, ou seja, uma determinada identidade e o que, por excesso de toda a

---

possível fundamento metafísico, quer da experiência pascoaesiana, quer da mais conhecida experiência pessoana, como fica indirectamente sugerido pelos seguintes versos: "Assim eu me acomodo / Com o que Deus criou, / Deus tem diverso modo / Diversos modos sou. // Assim a Deus imito, / Que quando fez o que é / Tirou-lhe o infinito / E a unidade até" – Fernando Pessoa, *Obras*, I, p.283; "Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas" – *Id.*, *Obras*, II, p.1013; "Para criar, destruí-me. Tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena única onde passam vários autores representando várias peças" – *Ibid.*, pp.1014-1015. Tanto em Pascoaes como em Pessoa, numa poética recriação da mística unitiva, dá-se a radical evidência da imitação, afinidade ou identidade divina do ser, o qual é assim, simultaneamente, *nada e tudo*, o que, na perspectiva, já exterior, da identidade egopsicológica, e da sua consciência de si, implica, sem contradição, a coincidência da sua extrema potenciação numa plurimorfose totalizante (*eu sou todas as coisas*) com a sua não menos extrema fragilização, evanescência e dissipação (*eu sou outro, eu não sou nada, eu não sou*).

Sobre alguns dos aspectos desta questão, em Pessoa, cf. Leyla Perrone-Moisés, *Fernando Pessoa. Aquém do eu, além do outro*.

<sup>24</sup> - "Todos trazemos no rosto a máscara caricatural da dor, a cómica pintura da nossa alma insatisfeita até à morte.

A alma sabe que é o mundo e o céu, o tempo e o espaço, os anjos e os demónios, mas nada pode exprimir da sua grandeza maravilhosa. É uma deusa, e sai à rua vestida de tal modo que faz rir os transeuntes" – Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.213. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.322. Cf. também, numa profunda apreensão da poesia como o que procede, embora ilusoriamente, desse "silêncio absoluto" da alma: "Oh, a gélida altivez da nossa alma ! Altivez ou piedade ? O certo é que não nos diz uma palavra. Conhece tudo, tudo; a natureza das coisas e dos deuses, e não diz uma palavra. Silêncio absoluto ! Mas o silêncio absoluto cria vagos murmúrios ilusórios que o delírio de alguns poetas converte em sons articulados, medidos e rimados, que adormecem as criancinhas de todas as idades.

A alma não diz nada, embora os poetas digam tudo" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.22-23. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.223-224 (note-se a reemergência do contraste entre as "almas só alma", absolutamente imanifestadas, e "os poetas, cúmplices de Deus no crime da Criação", presente n' *O Bailado*, p.158).

A transcendência da alma, a respeito da encarnação e da identidade psicológica ou mesmo pessoal do "eu", é bem marcada no passo em que, do "pobre tolo", Pascoaes afirma: "Nasceu o pobre triste ! Eilo amarrado a um corpo, a uma cruz ! Se ele andasse por onde anda a sua alma ? Impossível ! Não somos a nossa alma; somos uma pessoa estranha, mais digna do seu desprezo que das suas atenções" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.22.

determinação, a transcende. De acordo, aliás, com o seu sentido originário e teatral de "máscara", "papel" ou "personagem", e com o etimológico de meio pelo qual perpassa e (res)soa - cf. o verbo latino *personere* - algo que não é ela mesma, que não é a própria "pessoa".

O "pobre tolo" é o paradigmático protagonista desta metafísica vivida e deste paradoxal estatuto ontológico onde se denunciam os abissais cumes da singular experiência pascoaesiana. Exactamente pela natureza da "loucura" que, enquanto "força sobrenatural", o absorve, ao ponto de ser "só ela", e que Pascoaes define quer como "a inspiração caótica, tempestuosa, anterior ao *Fiat* divino", quer como "o génio criador dos elementos" - distinguindo-a da "inspiração dos Poetas", que, "alma da Harmonia", "é loucura subordinada ao ritmo e à medida", manando ambas das "duas fontes que brotam das entranhas do Infinito e derivam através do nosso ser", bebendo da primeira os "demónios" e da segunda os "anjos" <sup>25</sup> - , a personagem, extaticamente avassalada por *essa potência onde se indissociam o engolfamento na plenitude da Treva primordial e o irracional impulso criador que a recusa* <sup>26</sup>, acede a uma dilacerante experiência de si

---

<sup>25</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.172-173. Contrariamente ao texto que referimos no início, *A Nossa Fome*, onde o "pobre tolo" se confessa alvo da graça, da inspiração e da possessão das "Musas", o que claramente identifica apenas a sua *loucura* com a terceira forma de *mania* referida por Platão no *Fedro* (cf. 245 a; cf. também 238 d, referida às Ninfas, e *Ion*, 533 d-536 d), já aqui se assume também apoderado por uma Loucura superior, transcendente ao que dela se subordina à *musical* mesura e procedente do Abismo anterior à manifestação, como se ele igualmente fosse um desses "demónios" que encarnam e suportam, instaurando-a no seio do mundo, como protagonistas da sua de-criação, a polaridade caótica, informe e excessiva do "Infinito" que o próprio Deus primordial e originariamente não suportou, tornando-se criador. Tais potências demoníacas, e com elas o "pobre tolo", na medida em que participa da mesma inspiração nocturna, transcendem assim "anjos" e poetas enquanto meros agentes da manifestação, num claro paralelo com a contraposição exposta n'*O Bailado* entre as "almas só alma", embora aí "divinas", e os "poetas, cúmplices de Deus no crime da Criação", aí "malucos" por activarem a dispersão cosmogónica da Divindade (cf. *Teixeira de Pascoaes, O Bailado*, p.158).

O sentido metafísico desta transcendência dos "demónios" sobre "anjos" e poetas, implicando a precedência, no seio do Infinito, do Caos sobre o fundamento cosmogónico, pode encontrar-se formulado por um dos heterónimos pessoanos, num texto hipoteticamente de 1916 que converge notavelmente com o espírito do pensar pascoaesiano, ecoando ainda o paradigma oriental de *Maya*:

" 1 - O Mundo é formado de duas ordens de forças: as forças que afirmam e as forças que negam.

2 - As forças que afirmam são as forças criadoras do mundo, emanadas sucessivamente do Único, centro da Afirmação.

3 - As forças que negam emanam de além do Único.

4 - O Único, de quem Deus, o Deus Criador das Coisas, é apenas uma manifestação, é uma Ilusão. Toda a criação é ficção e ilusão" - Rafael Baldaia, *Tratado da Negação*, in Fernando Pessoa, *Textos Filosóficos*, I, p.42. Cf. também pp.43-46.

<sup>26</sup> - O que, embora sem ilustrar toda a amplitude da paradoxal diferenciação do "pobre tolo", faz com que ele seja, como todos os demais entes, "um deus (...) decaído" "que, no desterro, se apagou", convertendo-se em "sombra do que foi", e simultaneamente "uma sombra / Vivente, só memória",

segundo todas as formas possíveis e a negação de todas elas. Num sentido "nem é morte nem vida, nem corpo nem espectro, mas um outro ser invisível e divino", noutra é "tudo - todas as coisas, todos os sonhos e misérias" e, noutra ainda, é como se apenas fosse ela "e mais ninguém" <sup>27</sup>. Porém, todas estas formas de identificação, com o divino, com o mundo ou só consigo, são ainda rejeitadas como limites inerentes ao jogo cósmico dos contrários, numa ânsia de evasão que, visando a sua absoluta transcensão, não pode cumprir-se senão anulando o eu, na radical eliminação da condição de possibilidade de qualquer referência polarizadora da determinação do ser e da consciência, reconhecida como fatalmente limitadora da íntima infinitude e transcendência que aflora no acto mesmo da superação de tudo o que a não é. Como nos diz o poeta, numa passagem que manifesta impensadas antecipações de alguns dos mais incisivos testemunhos da experiência pessoana, em particular do heterónimo Bernardo Soares:

"O tolo galopa, galopa ! O seu desejo é fugir ! Fugir dele mesmo e das suas lembranças ! Fugir de Deus e do Demónio ! Fugir da vida e da morte ! Não viver, nem morrer ! Não ser a sua alma, nem o seu corpo, nem o seu espectro mais terrível [...] ! Fugir ! Não ser a vida nem a morte ! Não ser ninguém !" <sup>28</sup>.

---

distanciando-se da animalesca ignorância da humanidade comum e conservando "um sorrir da Idade de Ouro" – Teixeira de Pascoas, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.237. Cf. também p.256. Daí ainda ser ele a paradigmática conjunção de "real e imaginário", sonho e realidade, no misto que é "a carne e o sangue da Tragédia" - *Ibid.*, pp.306-307; *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.188.

<sup>27</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.149-150. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.291-292. De notar que o "tolo", evidenciando a pulsão reintegradora e contrária ao medo e fuga do Abscôndito, manifesta igualmente "medo" e rejeição, mas agora do que daqueles resulta, ou seja, a polaridade de contrários patente na "morte" e na "vida" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.149. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.291.

<sup>28</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.152-153. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.293. Cf. dois trechos de Bernardo Soares, o primeiro de 1930 e o segundo de 1931, ambos posteriores ao texto citado de Pascoas: "E então vem-me o desejo transbordante, absurdo, de uma espécie de satanismo que precedeu Satã, de que um dia - um dia sem tempo nem substância - se encontre uma fuga para fora de Deus e o mais profundo de nós deixe, não sei como, de fazer parte do ser ou do não ser" - *Livro do Desassossego*, in Fernando Pessoa, *Obras*, II, p.601; "Ah, quem me salvará de existir ? Não é a morte que quero, nem a vida: é aquela outra coisa que brilha no fundo da ânsia como um diamante possível numa cova a que se não pode descer" - *Ibid.*, p.570. A primeira transcrição não deixa de evocar o só aparente paradoxo místico do desejo de Deus, ou melhor, de Absoluto, que se cumpre no *abandonar Deus* e no *ir além de Deus*, como surge em Eckhart, Silesius e Schelling (*Sämtliche Werke* (ed. Cotta), IX, pp.217-218), entre outros, tendo aliás o seu equivalente no preceito de *matar o Buda*, no Oriente.

No entanto, e pela mesma inerência da sua "loucura" à tensional ambiguidade metafísico-ontológica de um Princípio simultaneamente imanifestado e criador (na insuperável oposição co-institutiva das duas instâncias), unificando, mas também oscilando entre ser e não-ser (visão mais explícita a partir de *Napoleão*, culminando no *Santo Agostinho*), o "pobre tolo" não se fixa em nenhuma das formas de experiência de si ou na instância da sua anulação, persistindo constitutivamente numa coincidência destas que, no plano da consciência auto-representativa, se lhe volve no espectáculo de uma indecisão e errância por todas elas, movendo-se entre a dissipação, a universalização e a concentração individuada e material do ser, de acordo com o predomínio nele do "sonho"/"ilusão" ou da "realidade", da vida ou da existência<sup>29</sup>. Desta vacuidade abissal como fundo englobante da indefinida metamorfose do eu resulta toda a sua consciente configuração como a forma apenas que efemeramente predomina sobre um recôndito magma de virtualidades mnésicas donde sucessivamente ascende uma que se realiza e se lhe substitui, precipitando-a no abismo de onde provém, para logo conhecer o mesmo destino. Daqui, ainda numa surpreendente e impensada proximidade com Fernando Pessoa, uma vertiginosa experiência de transfiguração, estranheza e desidentificação do eu, alternando entre ser e não ser, aparecer e desaparecer e fundindo-os afinal na sua metamorfose interna-externa, em si e no mundo, de si no mundo e do mundo em si, sem escapar à "névoa" abissal do A-determinado, negativamente emergente na própria impermanência e mutação contínua de tudo<sup>30</sup>. Se bem que o auto-

---

<sup>29</sup> - Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.67-70.

Destacamos algumas passagens mais significativas : "[...] abstracto e doloroso - tão abstracto que não é ninguém ! tão doloroso e sensível que é todas as almas deste mundo e do Outro Mundo !

E não é ninguém ! ninguém ! Luta para atingir a sua própria realidade que lhe foge, como diluída em nevoeiro. [...] Luta o pobre tolo; lutam, no pobre tolo, a realidade e o sonho" - p.67; "A Realidade evaporou-se. Tudo é sonho; um sonho indefinido, com uma parte central materializada: o pobre tolo e o seu corpo lanzudo e orelhudo. E luta contra a névoa dissolvente; procura-se, põe-se em contacto consigo, e encontra, de novo, um ponto fixo na fluidez ilimitada: é ele mesmo que desperta, é a sua consciência que se ilumina e aflora na escuridão [...] não abdica de si mesmo porque ele existe e vive; não é e é, representa um facto histórico e uma lenda" - pp.68-69; "O pobre triste não dorme; sonha. Sonha de dia e tem a ilusão da realidade; e tem, de noite, sonhando, a realidade da ilusão. Possui, em alto grau, estes dois sentidos da Realidade, como todos os malucos que avistam as duas faces da medalha. É que ele existe e vive" - p.70. Cf. também pp.25 e 218 e *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.249-251.

<sup>30</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.75-79, de onde destacamos: "Desapareço na escuridão interior. Um velho espectro me domina; adapta-se ao meu ser. Transfiguro-me, desconheço-me, não

desconhecimento e a alteração contínua da identidade, apropriada por potências ignotas<sup>31</sup>, possam supor, como numa das passagens se indica, uma sua essência divina e verdadeira - "Não me encontro; não sei quem sou; ignoro o meu próprio nome, o nome verdadeiro, esse com que Deus me baptizou"<sup>32</sup> - , o que remeteria para um plano fenoménico os referidos processos, é certo que neles o sujeito psicológico e humano, além de se estranhar identificando-se com esse *outro*-"ninguém" mais remoto que em si sente viver alienado e iludido, se experiencia como simultaneamente sendo e não sendo, sendo ele mesmo, outro e todos os outros, morrendo e vivendo, na errância que lhe desvela o "absurdo" constitutivo que o instaura entre o "sonho" e a "realidade", num fluido e proteico perfil feito "da mesma fantástica matéria / Em que a imagem de deuses e demónios / Palpita neste espelho planetário"<sup>33</sup>. "Força" directora do desejo de

---

sou eu. Sou outra alma que revive; uma lembrança minha acordada com tal força, que se apodera de mim absolutamente. Sou ela e mais ninguém !" - pp.75-76; "Conclui : *não existo; os tolos não existem*. [...] Paira numa névoa abstracta e incolor em que ele e as outras pessoas se diluem e que forma as dimensões do Indefinido,depois das últimas estrelas" - p.77; "O tolo aparece e desaparece" - p.78; "O tolo é um mar e bóia em pleno mar... [...] Está no centro duma névoa impenetrável ao sol que a deve cercar dum infinito resplendor..." - p.79.

Confrontem-se alguns textos de Fernando Pessoa/Bernardo Soares:

"Não sei quem sou, que alma tenho.

[...] Sou variamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros).

[...]

Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas" - Fernando Pessoa, *Obras*, II, p.1013.

"Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu, imediatamente logo ao aparecer sonhado, encarna numa outra pessoa que pode sonhá-lo, e eu não" - *Ibid.*, p.1014.

"Toda a vida da alma humana é um movimento na penumbra. Vivemos, num lusco-fusco da consciência, nunca certos com o que somos ou com o que nos supomos ser. [...] Somos qualquer coisa que se passa no intervalo de um espectáculo [...]" - Bernardo Soares, *Livro do Desassossego*, in *Ibid.*, p.611.

<sup>31</sup> - "Não sei quem sou [...] Falo como se não fosse eu; olho como se fosse outro. Quero ouvir. Quem ouve ? Serei eu ? És tu. Mas quem és tu ? Quem és tu, pobre sombra que me persegues desde a hora em que nasci ? [...] E tu, negro espectro silencioso, diante de mim, para que eu me aterrorize e afaste e sejas tu no meu lugar ?" - *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.107.

<sup>32</sup> - Cf. *Ibid.*, p.107.

<sup>33</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.267-271, de onde destacamos : "Quem és tu, / Meu vulto humanizado em que me sinto, / Estranho a mim, viver ? E nele sou / Como indecisa realidade vã, / Ou pobre estátua de ilusório mármore !"; "De bem longe, / É que o sol doira as nuvens; é que a vida / Anima esta figura do meu corpo, / A prolongar-se em multidões de sombras / Que do Passado vão para o Futuro..."; "E tudo nos revela nem eu sei / Que misterioso aspecto,e sse *outro lado* / Oposto à luz do sol eternamente..." - p.267; "E a mim próprio contemplo-me, assombrado, / Porque eu sou, na verdade, um outro ser. / Sou outro e sou eu mesmo ! Sei que vivo, / Como se já não fosse...Quero ouvir / E quero

separação, definição e isolamento da "alma" ("para ser ela e mais ninguém"), tal "absurdo" inere a um crer em si <sup>34</sup>, a uma auto-poiética convicção na própria existência que é o "único motivo" da mesma <sup>35</sup>, auto-posicionando-a aparentemente emancipada da "turba" e do "Ninguém" de que procede <sup>36</sup> e onde sempre persiste, como o evidencia a impotência dessa arbitrária crença em si para gerar uma forma de identidade permanente, eximida do antagônico duvidar da própria existência (contra Santo Agostinho e Descartes) e da paradoxal coincidência de ser e não ser <sup>37</sup>, feita uma contínua mutação

---

ver...Quem ouve ? Quem és tu, / Desolado fantasma que me empeces, / Desde o momento em que nasci ?" - p.268; "Quem és, maldito espectro emudecido, / Diante de mim, para que eu tenha medo / E fuja, e sejas tu no meu lugar ? / Quem és ? Quem és ? Responde. Não existes ? / E tu, louca esperança que me beijas ? / Mas, afinal, não és ninguém ! Ninguém ! / Encontro-me comigo ! e fico atônito, / (...) Sou para mim um outro..."; "É tudo uma ilusão. Se me procuro, / Perco-me, dentro em mim, naquele espaço, / Onde as formas do mundo se desdobram / Indefinidamente ! Assim me perco !"; "Serei eu / Que, a mim próprio, com dor, me vou gerando / Em seres espectrais que me aparecem ?" - p.269; "Quem vê pelos meus olhos ? / E quem ouve, / Por estes meus ouvidos doloridos, / [...] E quem, pelo meu tacto, se apropria / Das luminosas superfícies duras, / Que são densos extremos revelados / Da noite e do invisível ? Bem pressinto / As multidões de sombras que, através / De mim, violentas, tendem para a luz ! / E este esforço, dramático e espectral, / É a minha própria vida [...]" - p.270; "Sou e não sou. Faleço e ressuscito. / Vou para donde venho. O meu perfil / É da mesma fantástica matéria / Em que a imagem de deuses e demónios / Palpita neste espelho planetário. // Sou e não sou [...] // Sou, para mim, alguém que desconheço... / Aquele vago espectro que se eleva, / Dentre os negros escombros dum incêndio. / Faz medo contemplá-lo ! Mas não posso / Fugir-lhe ! Seduzido horripelmente, / Eu me aproximo dele, e me confundo / Com ele. Sou absurda criatura, / Num ímpeto de angústia, a destacar-se / Da escuridão nocturna, para ser só ela e mais ninguém, à luz dos astros; / Só ela, no Deserto, e mais ninguém" - p.271.

Cf. ainda: "Sou e não sou. Desapareço e apareço. Faleço e ressuscito ! Ando de morte em morte, de vida em vida [...] Sou o judeu errante, o peregrino. Sou eu, em mim, dentro de mim, em carne e osso, e uma substância incandescente que me ilumina e consome. Exaltada pelos ventos, irrompe do meu ser, devora-o e é só ela - a estranha flama enlouquecida ! Entonteço-me de fumo, não me vejo. Sou uma pessoa que eu nunca vi - aquele negro espectro que se eleva dentre os escombros dum incêndio. Apavora contemplá-lo; mas não lhe posso fugir. Pelo contrário, terrivelmente seduzido, mais me aproximo dele; confundo-me com ele e sou uma criatura absurda que existe e não existe [...].

Sou um absurdo; e este absurdo é a força que me sustenta de pé, entre a realidade inferior e o sonho etéreo" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.109-110.

<sup>34</sup> - Na sequência do passo anteriormente citado, referindo-se ao mesmo "absurdo", Pascoas prossegue : "É a força que me dirige; talvez a minha alma, agitada por todas as almas, por todos os ventos fabulosos, a destacar-se do turbilhão, para ser ela e mais ninguém, à luz dos astros, no Deserto. Ser ela e mais ninguém - uma figura definida, isolada num só corpo [...].

Sou um absurdo; creio em mim" - *Ibid.*, pp.110-111; cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.271.

<sup>35</sup> - "Mas *pobre tolo* é também um nome comum, qualquer ente imaginário que se convenceu de que existe, e existe por esse único motivo. Convenceu-se de que existe; observa-se, analisa-se, verifica a sua clara realidade e afirma entusiasmado: *Eu sou eu !*" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.216.

<sup>36</sup> - Cf. *Ibid.*, p.216.

<sup>37</sup> - "Duvida de Deus e dele próprio ! Duvida, quer dizer, acredita e não acredita, porque o tolo é e não

indefinidora. Derivada da intensa "mania de aparecer", do "violento" "desejo de existir" e da sua teatral eficiência genesíaca<sup>38</sup>, os frutos da crença em si não deixam de ilustrar e reproduzir, a seu nível, a tragicomicidade do divino desejo de manifestação que, furtando-se ao Imanifestado, inaugura e sustenta o drama cósmico, numa efusão criadora que assegura, mesmo no misto que é o mundo, o predomínio do onírico-imaginário sobre o real.

A chave para a compreensão do drama do "pobre tolo", que ilustra o de toda a "alma", deve assim, insistimos, procurar-se na paradigmática e tensional ambiguidade do Princípio metafísico, o qual, permanecendo transcendente e inefável enquanto abscôndito, incriado e incriador, assume uma determinação mista, divino-diabólica, enquanto gerador das potências da vida primordial, na qual vem a predominar a feição dia-bólica na medida em que preside à sua realização incarnacional. O que faculta uma enriquecida compreensão dos passos em que o poeta, reconhecendo que "somos Deus e o Demónio", enquanto polaridades arquetípicas da "turba" que, em simultâneo com "Ninguém", todos os seres, ou pelo menos os homens, são<sup>39</sup>, aspira a libertar-se do que tem pelo limitador jogo de contrários do mundo, fugindo "de Deus e do Demónio" na transcendência do "não ser ninguém"<sup>40</sup>.

---

é, existe e vive. [...]

Crê e não crê no mesmo instante - duvida. É e não é, existe e vive. (Existir é não ser; ser é não existir)" – *Ibid.*, p.218. Encontramos aqui um claro embrião do ateoteísmo humano, sobretudo formulado no *Santo Agostinho*.

<sup>38</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.113-114.

<sup>39</sup> - "Somos uma turba e ninguém. Somos Deus e o Demónio, o Céu e a Terra e outras letras grandes e Ninguém" - *Ibid.*, p.216; cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.322.

<sup>40</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.152-153; *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.293. Furtando-se a todas as determinações da identidade para se re-(con)duzir à sua transcendente ausência, o "pobre tolo" pascoaesiano converge com o "Parvo" vicentino que, interrogado pelo Anjo - "Quem és tu?" - , responde "Não sou ninguém", o que lhe vale a salvífica admissão na Barca da Glória (cf. *Auto da Barca do Inferno*, in *Copilaçam de totalas obras de Gil Vicente*, I, p.211; cf. também *Auto da Festa*, em que a "Verdade" diz do "Parvo": "D'este é o reino dos céus!" - *Ibid.*, II, p.684). O tema, que recorda ainda, entre muitas outras incidências mítico-sapienciais e literárias, o "Chamo-me ninguém" de Ulisses, o esquecimento do próprio nome por Parsifal, ou o célebre "Ninguém" do Romeiro, no *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garret, procede, no horizonte da cultura religiosa ocidental, da tradição evangélica e mística da "porta estreita" e do auto-perder-se, por abnegação e despojamento em Deus, como sinónimo de salvação: "Porque quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, salvá-la-á" - *Marcos*, 8, 35; cf. também *Mateus*, 16, 25; *Lucas*, 9, 24.

Sobre a questão, à luz da qual se ilumina ainda o só aparente nihilismo pessoano, bem como o

Se, na "maior aspiração dum poeta" a "definir-se, apropriar-se de si mesmo", Pascoaes reconhece a impossibilidade de quem só se afirma negando "tudo",volvendo-se assim "exilado do céu e do mundo" num misto equívoco e sempre ilusório de "sonho" e "realidade" <sup>41</sup>, poderemos dizer que tal se aplica ao drama da "alma", sempre votada à errante frustração do seu auto-poético e constitutivo "desejo de existir", inscrito no originário desejo de manifestação do Princípio do qual procede como potência interna. *Lendo* na totalidade dos entes o passado da sua história individual e o itinerário metamórfico da sua peregrinação cósmica <sup>42</sup> (num sentido próximo do soneto "Evolução" de Antero de Quental <sup>43</sup>), a partir da "infância original" ou do incêndio da vida primordial de que tudo resulta como arrefecimento materializante e simultâneo anelo reintegrador <sup>44</sup>, reconhecendo na morte física "uma simples mudança de vestuário

---

multímmodo auto-desdobramento heteronímico do seu nada ser, atente-se ao sábio comentário de Stanislas Breton, num contexto em que a indeterminação e inefabilidade do sujeito responde às do próprio *Princípio/Nada*: "'Je m'appelle personne", répond Ulysse au géant qui lui demande son nom. *Outis*, en grec, fait écho à *Ouden* ou *Meden*, qui ne signifiait pas encore notre "zéro" mais qui, en quelque sorte, lui préparait sa place dans la langue. Le héros, pour déjouer la tempête qui le menace, renonce à son nom. Car le nom, on nous l'a assez dit, offre une prise, un point d'ancrage où se condensent toutes les déterminations de l'être. Il n'est qu'un moyen pour échapper à l'inexorable, c'est de perdre ce qui nous fait ce que nous sommes. Mais comme notre destin est de nommer, le nom s'efface dans le quasi-nom de l'innomé et de l'innommable. "Personne", en son indéfini, hausse le "quelqu'un" qu'on ne peut pas ne pas être à une indétermination absolue qui le soustrait aux manoeuvres de la possession. En cette liberté nue, à laquelle n'accèdent ni la main qui prend ni le "concept" qui saisit, Ulysse se retranche, comme pour inventer, à partir de ce néant, le geste d'une création. Il se protège et s'affirme de cet "au-delà de l'être" où s'annonce l'improbable nouveauté de ce qui "sera". "Personne", modeste pronom indéfini, commémore, à sa manière, cette élévation "au-dessus de ce qui est", comme s'il fallait, pour prendre la véritable mesure de ce que nous faisons et de ce que nous sommes, la distance préalable d'un vide initial. Il marque, dans le lexique, comme son homologue "rien", la nécessité d'un creux d'abîme, sans lequel, semble-t-il, nos énoncés manqueraient de relief ou de saveur" - *Rien ou Quelque Chose*, pp.15-16. Cf. ainda a chamada de atenção para as "vicissitudes" literárias da personagem Ninguém, no "movimento" e "laço que une (...) o indefinido do pronome, a máscara da personagem e o rosto de "alguém"" - *Ibid.*, p.14. Cf. também a denúncia da "pretensão" do "eu sou", afinal a nada destinado senão às múltiplas mortes de uma metamorfose contínua - *Ibid.*, pp.150-159.

<sup>41</sup> - Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.178.

<sup>42</sup> - "O pobre triste lê nas pedras a história da sua infância; e lê nos astros e nas nuvens, no voo das aves e nas entranhas do seu coração ,porque ele é uma sombra humana que foi árvore, e *áugure* nos tempos virgilianos, e *planeta* na sua freguesia..." - *Ibid.*, p.71; cf. *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.247-248 e 251.

<sup>43</sup> - Cf. Antero de Quental, *Sonetos*, organização, introdução e notas de Nuno Júdice, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, p.140.

<sup>44</sup> - "Por dentro, todas as coisas são iguais. Encontramo-nos na intimidade duma pedra; encontramos, ali, a nossa infância original.

e de cenário" numa "tragédia" que permanece "sempre a mesma" <sup>45</sup>, o "pobre tolo" liberta-se pelo êxtase da própria "loucura", que, sendo a "saúde" da <sup>46</sup> e ao mesmo tempo aquela "infância" primeva e divina do ser, afim a uma sua fluida indeterminação perdida na "velhice" dos juízos e categorizações racionais <sup>47</sup>, o reinstala na "Fonte" e na "luz original", onde vislumbra os "anjos e demónios" da vida primordial <sup>48</sup> e a própria divindade, já na sua manifestação redentora como Cristo <sup>49</sup>. A loucura, depurada da sua mesma natureza divina como impulso de manifestação cego, errante e carnavalesco, para, ante esse mesmo impulso, permanecer apenas como a "inspiração caótica" que reconduz ao antes da criação <sup>50</sup>, arrebatando agora o ente à sua determinação existencial e ao seu envólucro somático, refundindo-o no "espectro" <sup>51</sup>, o que permite assumir na "morte" não já a "simples mudança de vestuário e cenário" numa "tragédia" sempre igual <sup>52</sup>, mas, oculto e suposto nessa mesma metamorfose ininterrupta das formas da vida aparente, o advento do "anjo da divina infância original", apoderando-se enfim daquele a quem desde sempre persegue para o redimir da "velhice" e o reintegrar em si <sup>53</sup>. A

---

*Ab initio*, os homens foram labaredas que arrefeceram, ou antes, o seu calor interiorizou-se numa espiritualização amanhecendo" – Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.70.

<sup>45</sup> - Cf. *Ibid.*, p.54.

<sup>46</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.144-145.

<sup>47</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.60-61 e 84-86; *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.251-252.

<sup>48</sup> - Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, pp.72-73; *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.252.

<sup>49</sup> - " - Não aflijam o pobre triste ! Não é com o demónio que ele fala. É com Nosso Senhor Jesus Cristo !

O Senhor só aparece aos tolinhos, às crianças inocentes e aos velhos de pedir que voltaram a ser crianças inocentes" – *Id.*, *O Pobre Tolo (versão inédita)*, p.169.

<sup>50</sup> - Cf. *Ibid.*, p.172.

<sup>51</sup> - "O que é preciso é que o homem, transviado do seu corpo, se encontre no seu espectro, e o seu espectro seja ele, e ele seja o seu espectro por toda a Eternidade. Ámen !" - *Ibid.*, p.55.

<sup>52</sup> - Cf. *Ibid.*, p.54.

<sup>53</sup> - Cf. *Ibid.*, pp.73-74, donde destacamos: "A infância persegue a velhice, a aurora persegue a noite. Persegue a noite e há-de alcançá-la e dissolver-lhe todas as sombras; e a noite será dia ! Também a infância há-de alcançar o pobre tolo; e o pobre tolo há-de ser, outra vez, um anjo"; "Que é a morte ? É o anjo da infância original apoderando-se de nós, por toda a Eternidade. [...] Eis a morte, a morte trágica, a morte negra que apavora - o anjo da divina infância original" - p.74. Cf. *Id.*, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, p.253. Sobre as figuras do anjo, cf. Dalila Pereira da Costa, "Angelologia em Teixeira de

tragicomédia existenciante, pela conversão da loucura criadora em redentora, ou pelo triunfo de uma orientação que a precede e desde o início lhe é íntima, procedente que é da própria irredutibilidade do Absoluto à sua manifestação e ao que dele, como divino-diabólico, nela e por ela se determina, tende pois a conhecer uma solução escatológica benigna, sugerida como a reintegração universal dos entes fenoménicos na sua a-determinação primordial e meta-essencial. Notando embora a duvidosa e imperfeita realização actual de tal fim pelo "pobre tolo" (ou por si mesmo), que faz com que ele ainda surja como um "absurdo desejo", atravessa as duas obras de Pascoaes essa possibilidade e tentativa, com intermitentes prefigurações ou mesmo consumações do êxito final, de "reintegrar a nossa / Pessoa decaída e envelhecida / Nos elementos primordiais, divinos" <sup>54</sup>.

A mística pulsão, diríamos, para realizar o regresso ao antes de haver o quer que seja. Para paradoxalmente antecipar esse dia, sem antes nem depois, que numa das suas mais tremendas proclamações anuncia: “Também há-de chegar o dia em que eu próprio nunca existi; nem eu, nem todos os fantasmas que me calcaram aos pés e me deixaram inanimado... E há-de chegar também o dia em que o mundo nunca existiu: o mundo, o sol e as estrelas...” <sup>55</sup>. Não, note-se, o *fim do mundo*, mas o *fim da ilusão de haver realmente mundo*. O dia da definitiva libertação do Bilhete de Identidade, nosso e de todas as coisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional/Paulus, 1995, nova edição, revista.

BORGES, PAULO A. E., *Pensamento Atlântico. Estudos e ensaios de pensamento luso-brasileiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

---

Pascoaes", *Nova Renascença*, vol.XVII, nºs 64-66 (Porto, Inverno/Verão de 1997), pp.97-103 [assinado Dalila Lello].

<sup>54</sup> - Cf. Teixeira de Pascoaes, *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, pp.226-227.

BRETON, STANISLAS, *Rien ou Quelque Chose. Roman de métaphysique*, Flammarion, 1987.

CHEVALIER, JEAN / GHEERBRANT, ALAIN, *Dictionnaire des Symboles*, edição revista e aumentada, Paris, Robert Laffont / Jupiter, 1990.

COSTA, DALILA PEREIRA DA, "Angelologia em Teixeira de Pascoas", *Nova Renascença*, vol.XVII, n°s 64-66 (Porto, Inverno/Verão de 1997), pp.97-103 [assinado Dalila Lello].

ECKHART, MESTRE, *Sermons*, II, introdução, apresentação e tradução de Jeanne Ancelet-Hustache, Paris, Éditions du Seuil, 1978.

GARRETT, ALMEIDA, *Frei Luís de Sousa*

HERACLITO, *Fragments*, texto estabelecido, traduzido e comentado por Marcel Conche, Paris, PUF, 1987.

HESÍODO, *Théogonie / Les Travaux et les Jours / Le Bouclier* (edição bilíngue), texto estabelecido e traduzido por Paul Mazon, Paris, Les Belles Lettres, 1986, 2ª edição.

HOMERO, *L'Iliade*, tradução, introdução e notas por Eugène Lasserre, Paris, GF – Flammarion, 1988.

- , *Odisseia*, tradução do grego, prefácios e notas pelos Padres E. Dias Palmeira e M. Alves Correia, edição revista por E. Dias Palmeira, Lisboa, Sá da Costa, 1980, 5ª edição.

KERN, Otto, *Orphicorum Fragmenta*, Dublin / Zurique, 1972.

NICHOLS, SALLIE, *Jung e o Tarô. Uma jornada arquetípica*, introdução de Laurens van der Post, tradução de Octávio Mendes Cajado, São Paulo, Editora Cultrix, 1997.

ONIAN, R. B., *The Origins of European Thought about the Body, the Mind, the Soul, the World, Time and Fate - New Interpretations of Greek, Roman and kindred evidence also of some basic Jewish and Christian beliefs*, Cambridge University Press, 1991.

---

<sup>55</sup> - Cf. *Id.*, *O Bailado*, p.189.

PASCOAES, TEIXEIRA DE, *Os Poetas Lusíadas*, Porto, Tipografia Costa Carregal, 1919.

- , *Santo Agostinho (comentários)*, Porto, Livraria Civilização, 1945.

- , *Sempre*, in *Belo / À Minha Alma / Sempre/ Terra Proibida, Obras Completas*, I, introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. [1965].

- , *O Pobre Tolo (elegia satírica)*, in *Cantos Indecisos / Londres / Dom Carlos / Cânticos / O Pobre Tolo, Obras Completas*, V, introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. [1969].

- , *O Pobre Tolo (versão inédita)*, *Obras Completas*, IX, introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Bertrand, 1973.

- , *O Bailado, Obras Completas*, VIII, introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Livraria Bertrand, 1973.

- , *Uma Amizade. Cartas de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos*, selecção e prefácio de Maria do Carmo Paço d'Arcos, Lisboa, Vega, 1993.

- , *Verbo Escuro*, in *Verbo Escuro / A Beira (Num Relâmpago)*, *Obras Completas* (edição do autor), vol. VII, Lisboa, Aillaud & Bertrand, s.d.

- , *A Nossa Fome*, in *O Homem Universal e outros escritos*, fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes, marginália “Teixeira de Pascoaes” por António Ramos de Almeida, Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.

PERRONE-MOISÉS, LEYLA, *Fernando Pessoa - Aquém do eu, além do outro*, São Paulo, Martins Fontes, 1982.

PESSOA, FERNANDO, *Textos Filosóficos*, I, estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho, Lisboa, Edições Ática, 1993.

*Obras*, I, II e III, introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa (só no vol. I), Porto, Lello & Irmão - Editores, 1986.

PLATÃO, *Fédon, Fedro, Ion*

PORFÍRIO, *On the Cave of the Nymphs*, traduzido do grego por Thomas Taylor, Grand Rapids, Phanes Press, 1991.

PSEUDO-DIONÍSIO, O AREOPAGITA, *Les Noms Divins*, in *Oeuvres Complètes*, tradução, comentários e notas por Maurice de Gandillac, nova edição com apêndice, Aubier-Montaigne, 1980.

QUENTAL, ANTERO DE, *Sonetos*, organização, introdução e notas de Nuno Júdice, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

SARAIVA, ANTÓNIO JOSÉ, *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval*, Lisboa, Bertrand, 1981, 3ª edição.

SALAZAR, ABEL, "O dueto caracteriológico e pseudo-filosófico Coimbra-Pascoaes", *Pensamento*, Vol.V, nº80 (Novembro de 1936), pp.12-14.

SHELLING, F. W. J., *Sämtliche Werke*, edição de K. F. A. Schelling, vols. I-XIV, Stuttgart/Augsburg, Cotta, 1856-1861.

SILESIUS, ANGELUS, *Le Pèlerin Chérubinique*, tradução por Camille Jordens, Paris, Éditions du Cerf / Éditions Albin Michel, 1994.

SOUSA, EUDORO DE, *Horizonte e Complementaridade - ensaio sobre a relação entre mito e metafísica, nos primeiros filósofos gregos*, São Paulo, Duas Cidades / Brasília, Universidade de Brasília, 1975.

VERNANT, JEAN-PIERRE, "Cosmogonies et mythes de souveraineté", in VERNANT, JEAN-PIERRE / VIDAL-NAQUET, PIERRE, *La Grèce Ancienne - I. Du mythe à la raison*, Paris, Éditions du Seuil, 1990.

VICENTE, GIL, *A Farsa da Lusitânia*, in *Copilaçam de todas as obras de Gil Vicente*, II, introdução e normalização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

WIRTH, OSWALD, *The Tarot of the Magicians*, York Beach, Samuel Weiser, 1990, 2ª edição.

ZIMMER, HEINRICH, *Philosophies of India*, editado por Joseph Campbell, Princeton University Press, 1989.